



Encontro (poema inédito)

LINA TÂMEGA¹



À memória de Manoel Inácio Peixoto

Tenho agora uma única obsessão: ir ao Açores em busca das origens

(FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO, Carta de 8/4/80)

Morei nos Açores por uma semana, eternamente.
A ilha construída
da forma mineral da noite
circunda o ar navegado no oceano.
Nela, desembarquei no cais
de onde o avô havia partido.

Lugares, ancestrais, afeto
são coisas arrebatadas à vida
e corroídas de invenção.
Conta a família, para aumentar o infinito,
a travessia do pai,
ainda menino, cortando sozinho
as vagas de suor e medo
repetidos rumos de começo e fim.

A calçada, acertos de floração vulcânica,
leva à Igreja de Nossa Senhora das Candeias
e me desconcerta ver dormida a luz
nas mãos da santa.
A pia de batismo, manchada de limo,
ainda umida ao toque dos dedos,
embaça a esperada contemplação
– a de vivas cinzas caídas no chão
e a de muito antes, com grinaldas de água
molhando o recém-nascido –
Junto ao altar, um aroma seco rodeia
o jarro de flor.

¹ Professora, ensaísta e poeta, nascida em Cataguases em 1931, Lina Tâmega Peixoto tem publicado pouco (*Algum dia*, 1952; *Entretempo*, 1983; *Dialeto do corpo*, 2005 e premiado pela União Brasileira de Escritores em 2006; *Água polida* 2007), mas não é exatamente uma escritora bissexta, na definição preciosa de Manuel Bandeira, pois entende a escrita de um poema como “um artesanato, um ajuste de vida que [se] vai fazendo, ponto a ponto”, exigindo, portanto, um demorado processo de elaboração, “gozoso, mas sofrido também”. Seus versos, que brotam de uma alma de mulher, têm poder sugestivo e beleza intrínseca. Ligada às suas vivências e às raízes mineiras, sua poesia, requintada, original e complexa, está marcada por uma funda sensibilidade e revela heranças do Surrealismo e do lirismo medieval. Para Carlos Drummond de Andrade, ela “alcança a maturidade poética, não há tremura ou indecisão de traço, tudo é firme, quando necessário, sutil e sempre lúcido e ardendo de uma chama interior...”

A viagem descida até o fundo do corpo
desmancha-se em um nome.
Muitas vezes naufraguei
em meus próprios deuses
navegantes de um outro lado do mundo.
Este que procuro desdobra o passado nos retratos
e nas pinturas que seguram as paredes da casa.
Meu pai esculpe o rosto de seu pai
na certeza de que a imagem se assemelha
ao que ficou retido na infância.

Outras lembranças recolhem a visão
das rochas escuras e antigas
entornadas do vulcão.
Enraízam o sol e a seiva das videiras
e brilham com beleza tão intensa
como se guardassem dentro delas
auroras extintas.

Não há ossos.
Só o amor exacerbado pela solidão.
Escrevo a história deste
que vagueia pela Ilha do Pico
a respirar as sombras de sua aldeia
a ser trocada por uma pátria
desenhada de montanhas verdes
e de córregos e rio fechados
em cântaros de poesia e lama.

Deixo a Ilha, como fez o avô,
repetindo, com doçura, o que lá
submete a memória à desordem dos sonhos.
Eu já sou relíquia do acaso
que deixo em um canto da Ilha
ou em uma cidade de Minas.
Cataguases.